

OS 162 ANOS DO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

Estamos hoje a comemorar os 162 anos de existência do Real Gabinete Português de Leitura. Em 14 de maio de 1837 reuniram-se cerca de 40 portugueses em casa de um advogado, Antonio José Coelho Lousada, na antiga rua Direita, hoje Rua 1º de Março, no centro do Rio de Janeiro, e resolveram criar uma instituição destinada a proporcionar aos seus sócios, através da leitura, um nível melhor de conhecimentos e de instrução.

Era, depois da Independência de 1822, a primeira instituição criada por portugueses emigrados, uns vindos há pouco tempo de Portugal, em decorrência das lutas entre liberais e miguelistas, e outros já comerciantes de prestígio na praça.

É possível que a criação dos Gabinetes de Leitura no Brasil tenha sido inspirada no aparecimento em França, a seguir à revolução de 1789, das chamadas “boutiques à lire”, que eram estabelecimentos que funcionavam para emprestar livros mediante o pagamento de uma determinada importância pelo empréstimo. Mas duas características diferenciaram os Gabinetes de Leitura. A primeira, é que a cessão das obras fazia-se gratuitamente, não havia qualquer encargo para aquele que consultava os livros, ou os levava para ler; a segunda, é que na raiz destas entidades existia um forte sentimento de solidariedade e de fervor cívico, ao contrário das instituições francesas que tinham um objetivo meramente comercial e visavam o lucro.

Poucos anos depois de sua fundação, já a biblioteca do Gabinete Português de Leitura possuía mais de 40.000 volumes e estava enriquecida com coleções valiosas e obras raras. Em 1880, numa altura em que Portugal atravessava uma crise medonha — era na política, com os escândalos da monarquia e a propaganda feroz do partido republicano; era na economia, com os déficits da Coroa, o atraso nas províncias e a estagnação agrícola e industrial; era nas colônias, em África, com as pressões das grandes potências europeias para se apoderarem e repartirem entre si o Império; era nas próprias entranhas da sociedade, rasga-

das pelas críticas dos “vencidos da vida” e que não era capaz de romper com o arcaico e a inércia para se abrir às lufadas das reformas e às idéias novas que vinham de fora — em 1880, dizíamos, os portugueses do Brasil, aproveitam as celebrações do tricentenário da morte de Camões e levantam-se contra o decadentismo e o desânimo que tomavam conta de Portugal e resolveram construir, no coração do Rio de Janeiro, em estiloneo-manuelino, um templo evocativo da epopéia do século XVI, que fosse o louvor à Grei e à Pátria. É a nova sede do Gabinete Português de Leitura, inaugurada pela Princesa Isabel em 1886, numa solenidade em que Joaquim Nabuco, extasiado perante a beleza e o esplendor da arquitetura diz que “estas pedras são versos de *Os Lusíadas*.” E no ano seguinte, na presença do Imperador, o autor de *As Farpas*, Ramalho Ortigão, não se contém em seu arrebatamento e vaticinará: *se um dia Portugal, por um cataclisma qualquer, desaparecer da Europa, nem por isso desaparecerá o seu nome, a sua cultura e a sua epopéia. Portugal continuará vivo e eterno neste Gabinete Português de Leitura.*

Em 1900, a instituição transforma-se em biblioteca pública; nos anos 20, tendo Albino Sousa Cruz, como mecenas, e Carlos Malheiro Dias, como dinamizador cultural, ganha uma dimensão extraordinária com as pesquisas e a edição da *História da Colonização Portuguesa no Brasil* e passa a ser a grande matriz da portugalidade: é aqui que se recebe o Presidente Antonio José de Almeida, para as festas do centenário da Independência, e Gago Coutinho e Sacadura Cabral, ao término da travessia aérea sobre o Atlântico; por aqui passam escritores e artistas, professores e diplomatas, intelectuais de prestígio e mestres da Língua, da Literatura, da História, do Pensamento; é aqui que a comunidade portuguesa tributa suas homenagens a Presidentes da República e a Ministros, a militares e a magistrados, a políticos e à hierarquia da Igreja. Mas é aqui, sobretudo, que milhares e milhares de brasileiros, todos os anos, pela leitura, pelos cursos, pelas investigações, pelas palestras, ficam a conhecer melhor Portugal e a sua cultura, o Brasil e as suas raízes, a História e a Literatura universais, as Línguas e as religiões, os cimélios em latim e em grego, a correspondência de escritores e as novidades bibliográficas d’além-mar.

Hoje, para além da responsabilidade de prosseguir com as atividades próprias de um foco de irradiação cultural de grande prestígio, dotando o Real Gabinete Português de Leitura de instrumentos modernos que, em conjunto com o livro, proporcionem aos leitores uma grelha acrescida de serviços, como banco de dados, CD rom, música, televisão, vídeo, internet etc, temos ainda o grande desafio da passagem do testemunho às novas gerações.

Até os anos 60, enquanto houve fluxos de emigração, instituições deste tipo viveram muito em função da própria comunidade. Os sócios eram portugueses — embora a Casa estivesse aberta aos brasileiros, que usavam a biblioteca e freqüentavam os cursos sem nenhuma limitação. Mas com o término da emigração, tudo mudou, e hoje, tal como acontece com as outras associações de raiz

portuguesa, os gabinetes de leitura têm em seus quadros cada vez mais brasileiros e são estes que, ungidos pela portugalidade, vão assegurar o seu futuro e a sua eternidade.

Uma prova dessa mudança está na própria liturgia desta sessão comemorativa. Temos a presidi-la o Sr. Embaixador de Portugal no Brasil; temos presente, para a nossa honra, o Sr. Ministro das Finanças de Portugal; temos conosco, como sempre, o Sr. Cônsul-Geral de Portugal e figuras cimeiras da comunidade portuguesa. Mas simultaneamente estamos a render nossas homenagens não apenas aos alcaides das Cidades do Rio de Janeiro e de Niterói e a seus colaboradores mais diretos na área da Cultura e do Patrimônio, senão também a outras personalidades brasileiras e instituições que formam uma teia cultural de que também faz parte o Real Gabinete Português de Leitura — é a Academia Brasileira de Letras, é o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, é o Museu Histórico Nacional, é o Serviço de Documentação da Marinha, é o Peç Club, é o Arquivo Nacional, são as Universidades, é a Fundação Roberto Marinho, é a Biblioteca Nacional, é o Liceu Literário Português etc.

Mais ainda: ao lado dos tradicionais benfeitores da comunidade, que todos os anos contribuem para o Real Gabinete, temos a assinalar a entrada das empresas portuguesas que ultimamente têm investido no Brasil, desde a Caixa Geral de Depósitos - Banco Bandeirantes ao Grupo Espírito Santo, como cooperadores, e também do Banco Itaú, que é uma empresa brasileira com forte atuação no mercado português e que financiou integralmente o processo de informatização da nossa biblioteca. Isto dá bem idéia, tanto em termos culturais, como em termos econômicos e financeiros, da partilha luso-brasileira e do orgulho que sentimos por saber que, depois da última geração de portugueses no Brasil, entidades como esta, com seus livros e manuscritos, seus equipamentos e relíquias, suas pedras da portugalidade, ficarão em mãos de brasileiros, a garantir para sempre a expressão maior do gênio e do talento do povo português.